



CENTRO UNIVERSITÁRIO GOYAZES – UniGOYAZES
CURSO DE ODONTOLOGIA

**MANEJO ODONTOLÓGICO AO PACIENTE AUTISTA: INDICAÇÕES E
VANTAGENS DA ANESTESIA GERAL - Revisão de Literatura Integrativa**

Natália Manoela de Oliveira Sol Correia
Rafaela Lopes Araújo

Orientador: Prof. Me. Renerson Gomes dos Santos
Orientadora: Prof^a. Esp. Ângela Beatriz Cavalcante de Amorim Izac

Trindade-GO
2023

CENTRO UNIVERSITÁRIO GOYAZES - UniGOYAZES

**MANEJO ODONTOLÓGICO AO PACIENTE AUTISTA: INDICAÇÕES E
VANTAGENS DA ANESTESIA GERAL - Revisão de Literatura Integrativa**

Natália Manoela de Oliveira Sol Correia

Rafaela Lopes Araújo

**Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Centro Universitário
Goyazes comorequisito parcial à obtenção
do título de Bacharel em Odontologia.**

Orientador: Prof. Me. Renerson Gomes dos Santos

Orientadora: Prof^a. Esp. Ângela Beatriz Cavalcante de Amorim Izac

Trindade - GO

2023

Natália Manoela de Oliveira Sol Correia

Rafaela Lopes Araújo

**MANEJO ODONTOLÓGICO AO PACIENTE AUTISTA: INDICAÇÕES E
VANTAGENS DA ANESTESIA GERAL - Revisão de Literatura
Integrativa**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Centro Universitário
Goyazes comorequisito parcial à obtenção
do título de Bacharel em Odontologia,
aprovado pela seguinte banca
examinadora:

Prof. Mestre Renerson Gomes dos Santos e Prof^ª. Especialista Angela Beatriz
Cavalcante de Amorim Izac (Orientadores)
Centro Universitário Goyazes - UniGOYAZES

Prof. Me. Germano Angarani Cândido (Membro Interno) Centro Universitário
Goyazes - UniGOYAZES

Prof. Me. Thaís Silva Mendonça (Membro externo) Universidade Federal do Estado
de Goiás

Prof^ª. Dra. Milena Moraes de Oliveira Lenza (membro suplente) Centro Universitário
Goyazes – UniGOYAZES

13/06/2023

MANEJO ODONTOLÓGICO AO PACIENTE AUTISTA: INDICAÇÕES E VANTAGENS DA ANESTESIA GERAL - Revisão de Literatura

Natália Manoela de Oliveira Sol Correia¹; Rafaela Lopes Araújo¹; Renerson Gomes dos Santos²; Ângela Beatriz Cavalcante de Amorim Izac²

RESUMO

INTRODUÇÃO: O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição neurológica que afeta o desenvolvimento e se manifesta por dificuldades de comunicação e interação social, bem como por comportamentos repetitivos ou interesses restritos. Devido às particularidades dos pacientes com TEA, o atendimento odontológico pode apresentar desafios adicionais. Esses pacientes podem ter dificuldade em compreender as instruções do dentista, experimentar ansiedade e desconforto durante os procedimentos, o que pode dificultar ou até mesmo impedir a realização do tratamento proposto (PARK et al., 2022). Além disso, esses indivíduos podem apresentar maior susceptibilidade a doenças bucais. **OBJETIVO:** Avaliar quando o uso da anestesia geral balanceada é necessária no manejo odontológico a pacientes autistas e suas vantagens, por meio de uma revisão de literatura integrativa. **METODOLOGIA:** Este trabalho foi conduzido por meio de uma pesquisa básica estratégica com objetivo descritivo, abordagem qualitativa, método hipotético dedutivo e procedimento bibliográfico. A pesquisa teve como objetivo as indicações e benefícios da anestesia geral no manejo odontológico de pacientes autistas. Para embasar a construção deste estudo, foram utilizadas as bases de dados PUBMED, MEDLINE, BVS e Scielo. **RESULTADOS:** Os resultados do estudo evidenciaram a redução significativa da ansiedade e do estresse dos pacientes, proporcionando um ambiente mais tranquilo e previsível durante o tratamento. Isso possibilitou a realização de procedimentos múltiplos e mais complexos em um único atendimento, evitando a necessidade de várias visitas ao dentista. Comparada a outras abordagens, como a anestesia local e a sedação consciente, a anestesia geral balanceada apresentou vantagens significativas para pacientes autistas pouco colaborativos. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** Conclui-se que a anestesia geral balanceada se mostra uma abordagem eficaz e segura no manejo odontológico de pacientes autistas.

Palavras-chave: Cuidados odontológicos, Anestesia, Anestesia geral, Transtorno do Espectro Autista, Manifestações bucais.

¹ Acadêmicas do Curso de Odontologia do Centro Universitário Goyazes - UniGOYAZES.

² Orientador, Docente Mestre do curso de Odontologia do Centro Universitário Goyazes UniGOYAZES.

² Orientadora, Docente Especialista do curso de Odontologia do Centro Universitário GoyazesUniGOYAZES.

DENTAL MANAGEMENT OF THE AUTISTIC PATIENT: INDICATIONS AND ADVANTAGES OF GENERAL ANESTHESIA - Literature Review

Natália Manoela de Oliveira Sol Correia¹ ; Rafaela Lopes Araújo¹; Renerson Gomes dos Santos²; Ângela Beatriz Cavalcante de Amorim Izac²

ABSTRACT

INTRODUCTION: Autistic Spectrum Disorder (ASD) is a neurological condition that affects development and is manifested by difficulties in communication and social interaction, as well as by repetitive behaviors or restricted interests. Due to the particularities of patients with ASD, dental care can present additional challenges. These patients may have difficulty understanding the dentist's instructions, experience anxiety and discomfort during procedures, which may hinder or even prevent the proposed treatment (PARK et al., 2022). In addition, these individuals may be more susceptible to oral diseases. **OBJECTIVE:** Evaluate when the use of balanced general anesthesia is necessary in the dental management of autistic patients and its advantages, through an integrative literature review. **METHODOLOGY:** This work was conducted through a basic strategic research with descriptive objective, qualitative approach, hypothetical deductive method and bibliographic procedure. The research focused on the indications and benefits of general anesthesia in the dental management of autistic patients. To support the construction of this study, the databases PUBMED, MEDLINE, BVS and Scielo were used. **RESULTS:** The results of the study showed a significant reduction in the patients' anxiety and stress, providing a more peaceful and predictable environment during treatment. This made it possible to perform multiple and more complex procedures in a single visit, avoiding the need for multiple visits to the dentist. Compared to other approaches such as local anesthesia and conscious sedation, balanced general anesthesia had significant advantages for uncooperative autistic patients. **FINAL CONSIDERATIONS:** It is concluded that balanced general anesthesia is an effective and safe approach in the dental management of autistic patients.

Key-words: Dental care, Anesthesia, General anesthesia, Autism spectrum disorder, Oral manifestations.

¹Student of the Dentistry Course at Centro Universitário Goyazes - UniGOYAZES.

² Advisor, Master Teacher of the Dentistry course at Centro Universitário Goyazes UniGOYAZES.

² Advisor, Specialist Professor of the Dentistry course at Centro Universitário Goyazes UniGOYAZ

INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição neurológica que afeta o desenvolvimento e se manifesta por dificuldades de comunicação e interação social, bem como por comportamentos repetitivos ou interesses restritos (BRASIL, 2014).

Considerado um dos transtornos do neurodesenvolvimento mais comuns e desafiadores em crianças (STYLES et al., 2020), o TEA é caracterizado por dificuldades na flexibilidade cognitiva, sensibilidade sensorial, pouco engajamento sociocomunicativo (AAP, 2013). Além disso, está frequentemente associado a condições comórbidas, como transtornos psiquiátricos (ansiedade, depressão e transtorno de déficit de atenção/hiperatividade), epilepsia, problemas gastrointestinais, distúrbios do sono, dificuldades de aprendizagem, transtorno obsessivo-compulsivo, deficiência intelectual e problemas imunológicos (STYLES et al., 2020).

A etiologia do TEA permanece um mistério para a ciência, embora seja frequentemente atribuída a uma combinação de predisposição genética e influências ambientais (STYLES et al., 2020).

O diagnóstico do TEA é essencialmente clínico e baseado em observações da criança, bem como em entrevistas com os pais ou responsáveis. Para auxiliar no diagnóstico, são utilizadas escalas e instrumentos de triagem padronizados, como a CID-10 e o DSM-5 (BRASIL, 2013). Vale ressaltar que um diagnóstico precoce é fundamental para um prognóstico mais favorável (BRASIL, 2014).

Embora o TEA não tenha cura e não exista uma medicação específica para tratar essa condição, é crucial o acompanhamento médico para a detecção de comorbidades e o manejo de sintomas associados, como, irritabilidade, agressão, comportamento explosivo e automutilação (BRASIL, 2013). Nesse sentido, um acompanhamento multidisciplinar adaptado às necessidades individuais de cada paciente é indispensável para promover o desenvolvimento social e emocional (TASSO et al., 2022).

A lei brasileira n. 12.764, sancionada em 27 de dezembro de 2012, instituiu a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Essa legislação assegura, entre outros direitos, o acesso a ações e serviços de saúde que visem à atenção integral às necessidades de saúde das pessoas com TEA. Além disso, a lei enfatiza que esses indivíduos não devem ser submetidos a tratamentos desumanos ou degradantes. Portanto, é fundamental

que os serviços de saúde ofereçam uma abordagem adequada e personalizada, levando em conta as particularidades de cada indivíduo, garantindo o acesso a tratamentos e terapias especializadas, bem como o acompanhamento constante de sua saúde. A atenção integral à saúde dos pacientes com TEA é essencial para promover sua qualidade de vida e inclusão social (MPF, 2015).

Devido às particularidades dos pacientes com TEA, o atendimento odontológico pode apresentar desafios adicionais. Esses pacientes podem ter dificuldade em compreender as instruções do dentista, experimentar ansiedade e desconforto durante os procedimentos, o que pode dificultar ou até mesmo impedir a realização do tratamento proposto (PARK et al., 2022). Além disso, esses indivíduos podem apresentar maior susceptibilidade a doenças bucais (VALLOGINI et al., 2022).

Embora estratégias de manejo comportamental e dessensibilização sejam recomendadas para o atendimento odontológico de pacientes com TEA, essas abordagens nem sempre são eficazes. Em alguns casos, a administração de sedação ou anestesia geral balanceada pode ser necessária para garantir um tratamento odontológico adequado (MARINHO et al., 2022).

Diante desse contexto, o objetivo deste estudo é fornecer a compreensão e orientações valiosas para os profissionais de saúde no manejo odontológico ao paciente autista, destacando as indicações e vantagens da anestesia geral, além de promover uma abordagem mais inclusiva e personalizada para garantir o acesso igualitário aos cuidados odontológicos e a melhoria da saúde bucal desses indivíduos por meio de uma revisão da literatura.

No decorrer do estudo serão definidos e classificados os pacientes com TEA, identificada a etiologia e prevalência, descrito o processo diagnóstico e as principais características comportamentais desses pacientes, avaliadas as características orais mais comuns e determinado em quais circunstâncias o uso de sedação sob anestesia geral em âmbito hospitalar é necessário.

Conceito e classificação

O transtorno do espectro autista (TEA) é um distúrbio de neurodesenvolvimento, comumente observado na primeira infância, que afeta o desenvolvimento neurológico, comunicação, interação social e padrões comportamentais do indivíduo, a gravidade e sua manifestação são variáveis (BRASIL, 2014).

Sua classificação se baseia nas especificações do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5) e na Classificação Internacional de Doenças (CID-10). Estes classificadores são amplamente utilizados para os diagnósticos de transtornos mentais (BRASIL, 2013).

De acordo com o DSM-5, o TEA é classificado em três níveis de gravidade: leve, moderado e grave. Sendo o leve, nível 1, TEA com suporte necessário, que é quando o indivíduo apresenta dificuldades nas interações sociais, na flexibilidade comportamental e requer ajuda para encarar algumas dificuldades sociais e de comunicação; o moderado, nível 2, TEA com suporte substancial, apresenta dificuldade moderada em suas interações sociais, é mais inflexível, as dificuldades tem maior interferência na vida do paciente, requerendo mais suporte; o grave, nível 3, TEA com suporte muito substancial, é aquele que manifesta graves prejuízos na comunicação e habilidades sociais, inflexibilidade de comportamento extrema e demandam suporte intenso em diversas áreas (AAP, 2013).

A CID-10 categoriza o Transtorno do Espectro Autista no grupo de Transtornos Globais do Desenvolvimento (TGD), o TEA é dividido em três subcategorias: autismo infantil, síndrome de Asperger e autismo atípico. Sendo o autismo infantil a categoria que engloba os casos mais graves, geralmente esses indivíduos apresentam atraso de fala, atraso significativo no desenvolvimento, habilidades motoras e interações sociais prejudicadas, comportamentos restritos e repetitivos; a Síndrome de Asperger compreende pacientes que apresentam um bom nível cognitivo e habilidades verbais preservadas, mas também apresentam comportamentos restritos e repetitivos e enfrentam dificuldades significativas nas interações sociais. Já o autismo atípico se dá quando não é possível identificar prejuízos em todas as áreas necessárias para os diagnósticos de autismo, essa classificação é reservada para indivíduos que apresentam sintomas característicos do TEA, mas não se enquadram de forma clara em nenhuma das categorias anteriores, pode ocorrer quando os sintomas são insuficientes ou atípicos (BRASIL, 2013; AAP, 2013).

Etiologia

A etiologia do TEA ainda não é completamente compreendida, evidências apontam que sua causa seja multifatorial, uma interação entre fatores genéticos e ambientais. Estudos indicam que mutações genéticas raras podem interferir nas vias sinápticas, afetando a interação celular e levando ao desenvolvimento do autismo.

Anormalidades cromossômicas e alterações epigenéticas também podem desempenhar um papel na etiologia do TEA. Além disso, há evidências de que conexões neurais irregulares e desenvolvimento anormal do cérebro podem estar ligados à doença. Fatores de risco pré-natal, como idade parental avançada, estresse durante a gestação, estado de saúde materno, uso de drogas pré-natal e medicação psiquiátrica, status socioeconômico da família, e fatores de risco pós-natal, como baixo peso ao nascer, icterícia e infecções pós-parto também estão associados ao autismo (STYLES *et al.*, 2020).

A exposição à poluição do ar, incluindo partículas finas/ultrafinas de dióxido de nitrogênio, e exposição a teratógenos, como produtos químicos presentes em plásticos, solventes e metais, têm sido estudados como uns possíveis fatores de risco para o TEA (DCPDC, 2019).

Predominância

O TEA tem origem nos primeiros meses de vida da criança, porém, a manifestação não ocorre de maneira uniforme e pode variar de indivíduo para indivíduo; em algumas crianças os sintomas são evidentes logo após o nascimento, entretanto, na maior parte dos casos, os sintomas só são consistentemente identificados entre os 12 a 24 meses de idade, podendo se manifestar em indivíduos de todas as raças, etnias e grupos socioeconômicos. O autismo é mais comum em homens que em mulheres, com uma proporção de aproximadamente 5 para 1 (STYLES *et al.*, 2020). Embora as mulheres sejam menos acometidas, quando são diagnosticadas com autismo, tendem a exibir um fenótipo mais grave (ZEIDAN *et al.*, 2022).

Estima-se que 1 a cada 58 crianças tenha TEA, mas, essa prevalência pode variar entre diferentes países e regiões (DCPDC, 2019).

Diagnóstico

O diagnóstico definitivo do autismo é geralmente estabelecido após dois a três anos de idade. No entanto, é possível realizar uma identificação precoce de risco para os TEA. Nesse sentido, é fundamental contar com uma equipe multiprofissional experiente, que considere não apenas testes e exames, mas também a variedade de disciplinas envolvidas no processo diagnóstico. Nesse processo é essencial envolver a família e educadores, garantindo sua participação e minimizando o impacto do

diagnóstico (BRASIL, 2013).

Existem diferentes teste que podem ser utilizados para o diagnóstico do TEA, alguns baseados na observação clínica em ambientes terapêutico, como o *Childhood Autism Rating Scale* (CARS) e o *Observation Schedule* (ADOS); outros teste são baseados em informações dos pais e/ou cuidadores, como o *Autism Diagnostic Interview Revised* (ADI-R) e o *Modified Checklist for Autism in Toddlers* (M-CHAT-R) para crianças de 1 ano e 3 meses à 2 anos e meio (DCPDC, 2019).

Comorbidades associadas

O transtorno pode vir associado a várias comorbidades que, podem variar em gravidade e sintomas, as manifestações clínicas mais comuns relacionadas ao Transtorno do Espectro do Autismo são: transtorno de ansiedade, depressão, transtorno obsessivo-compulsivo (TOC), transtorno do déficit de atenção e hiperatividade (TDAH), deficiência intelectual, alterações sensoriais, déficit de linguagem, transtornos gastrointestinais, distúrbios do sono e epilepsia. Apesar de muito recorrente, nem todas as pessoas com TEA desenvolvem essas comorbidades (DCPDC, 2019).

Características comportamentais

Dentre as principais peculiaridades dos indivíduos com autismo, podemos destacar o incômodo atípico a sons altos, baixo contato visual e dificuldade de manter o olhar sustentado, reação incomum a sons, vozes e ruídos do ambiente, resistência a mudança de rotina, apresentar interesses não convencionais, como fixação em estímulos sensoriais relacionados à visão e movimento, não aceitar toque, demonstrar limitada ou ausência de vocalização, autoflagelo, comportamento explosivo com ataques de fúria ou se apresentar excessivamente quieto (DCPDC, 2019; AAP, 2013).

Essas questões comportamentais e sensoriais podem interferir significativamente, de maneira negativa, o tratamento odontológico, dificultando ou até mesmo impossibilitando a realização do mesmo (PARRY et al., 2021).

Características Orais

Pacientes com autismo, de fato, apresentam uma necessidade particular de atenção porque têm maior risco de desenvolver cárie (60%), doença periodontal (69,4%) e alteração da microbiota bucal, acrescentando também o elemento de maior

risco para traumas orais devido à sua hiperatividade, estereótipos e hábitos de automutilação (VALLOGINI et al., 2022).

Os fatores que podem contribuir para essas disparidades na saúde bucal incluem os medicamentos usados por esses pacientes, que podem ser ricos em açúcar e/ou causar xerostomia, dificuldade de coordenação motora, maior sensibilidade sensorial, resistência à mudança de rotina, falta de assistência odontológica adequada, resultando em uma maior dificuldade para manter a higiene bucal satisfatória (CORRIDORE et al., 2020).

Além disso, podem possuir hábitos deletérios como bruxismo, mordedura de mucosas bucais e empurrão de língua. Na maioria das vezes, as crianças com TEA necessitam de auxílio para realizar a higiene bucal. Ademais, é comum que as crianças autistas visitem menos frequentemente o dentista em comparação às crianças neurotípicas (TESTE et al., 2021).

Por essa razão, pacientes com autismo têm maior necessidade de tratamento odontológico, incluindo extrações dentárias e obturações (MANSOOR et al., 2018).

Tratamento odontológico

A visita ao dentista pode ser desafiadora e desagradável para crianças autistas devido à sensibilidade a estímulos como sons, luzes, movimentos, cheiros e sabores no ambiente da clínica odontológica. Esses pacientes podem ter nenhuma ou hipersensibilidade, o que intensifica essa experiência (ERWIN et al., 2022). O tratamento odontológico a esses indivíduos pode apresentar diversos desafios.

Estudos indicam que 68% dos pacientes com autismo demonstraram ter ansiedade odontológica clinicamente elevada, sendo os procedimentos dolorosos os mais temidos (PARK et al., 2022), foi observado que 48 a 65% dos casos de TEA apresentaram comportamento negativo ou definitivamente negativo (CORRIDE et al., 2020), a imobilidade dos pacientes autistas raramente foi alcançada e as técnicas convencionais de condicionamento normalmente não são eficazes, havendo grande necessidade de contenção (73%) durante a realização do procedimentos simples, por essa razão um grande número de dentistas (60-80%) relatou não estar disposto a tratar pacientes com deficiências de neurodesenvolvimento, criando desafios significativos no acesso a cuidados odontológicos adequados para pacientes autistas (MANGIONE et al., 2019).

Conforme era de se esperar, os procedimentos de extração dentária foram os

mais frequentemente realizados durante o tratamento, correspondendo a 86% dos procedimentos realizados sob anestesia geral (ALGHAFIS et al., 2023; AZIMI et al., 2022).

Isto posto, é de extrema importância que o cirurgião dentista estabeleça uma comunicação efetiva com os outros profissionais envolvidos no cuidado do paciente, bem como com os pais ou cuidadores, a fim de obter informações relevantes sobre o histórico médico, comportamental e o uso de medicações, para uma compreensão mais completa da condição do paciente autista, contribuindo para um planejamento e atendimento odontológico adequado e individualizado (TASSO et al., 2022).

METODOLOGIA

Este trabalho foi conduzido por meio de uma pesquisa básica estratégica com objetivo descritivo, abordagem qualitativa, método hipotético dedutivo e revisão de literatura integrativa. A pesquisa teve como foco as indicações e benefícios da anestesia geral balanceada no manejo odontológico de pacientes autistas. Para embasar a construção deste estudo, foram utilizadas as bases de dados PUBMED, MEDLINE, BVS e Scielo.

Para o afinilamento da busca e garantir o aprimoramento da pesquisa, foram pesquisados em Ciência da Saúde (DECS) os descritores relacionados ao tema em questão, tais como: "assistência odontológica", "anestesia", "anestesia geral", "transtorno do espectro autista" e "manifestações bucais". Bem como na língua inglesa: "dental care", "anesthesia", "general anesthesia", "autistic spectrum disorder" e "oral manifestations". Esses termos foram combinados para estabelecer conexões relevantes e garantir a abrangência da pesquisa.

Para a seleção dos artigos, foram estabelecidos critérios temporais e de relevância conforme descritos a seguir: artigos com ano de publicação entre 2018 e 2023; artigos que abordam a etiologia e diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista (TEA); artigos que discutem o manejo de pacientes autistas no contexto do consultório odontológico; artigos que abordam a avaliação da saúde bucal em pacientes com TEA e artigos que tratam do uso de anestesia geral em pacientes do espectro.

Como critérios de exclusão foram: artigos publicados antes de 2018, artigos duplicados, artigos não disponíveis em língua portuguesa ou inglesa e artigos que não estavam relacionados à temática abordada.

Após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, foram identificados 16 artigos que se enquadraram nos requisitos específicos para os resultados finais desta pesquisa (Quadro 1). Esses artigos foram selecionados para análise detalhada, por serem considerados pertinentes e relevantes para os objetivos deste estudo.

RESULTADOS

Fonte: Elaborado pelas autoras do trabalho.

Autores/Ano	Objetivos	Principais resultados
STYLES et al., 2020	Abordar e analisar os principais elementos relacionados ao autismo	Identificação dos principais fatores de risco, abordagem terapêutica e análise de resultados de estudos e pesquisas associados ao autismo.
TASSO et al., 2022	Abordar e discutir as melhores práticas no atendimento odontológico para pacientes com TEA, identificando e descrevendo as dificuldades e desafios encontrados nesse contexto. Visando melhorar a qualidade e a acessibilidade do atendimento para pacientes com TEA	Identificação das principais dificuldades no atendimento odontológico de pacientes com TEA, apresentação de técnicas de manejo comportamental para melhorar a colaboração e cooperação e descrição de adaptações no ambiente odontológico que podem ser feitas para torná-lo mais acolhedor e confortável para esses pacientes.
PARK et al., 2022	Investigar a frequência da ansiedade odontológica em crianças com TEA e identificar as variáveis associadas a essa ansiedade	A ansiedade odontológica é uma preocupação significativa em crianças com TEA. E os resultados ressaltam a importância de abordagens individualizadas e adaptadas para o manejo da ansiedade odontológica
VALLOGINI et al., 2022	Avaliar a literatura sobre o uso de sedação consciente para tratamentos odontológicos em pacientes autistas pediátricos	Destaca a insuficiência de estudos que possam fornecer indicações concretas para o tratamento odontológico em sedação consciente de pacientes pediátricos com autismo. Novos estudos são necessários para definir melhor os medicamentos, dosagens, nível de sedação adequados e avaliar a cooperação do paciente
MARINHO et al., 2022	Avaliar o perfil dos tratamentos odontológicos realizados e as características dos PSN que realizaram tratamento odontológico no AG, prestado por operadoras de saúde privadas e públicas	Avaliação da eficácia do tratamento odontológico sob anestesia geral em pacientes com necessidades especiais, como aqueles com deficiências físicas, intelectuais ou médicas e discussão sobre possíveis melhorias e aperfeiçoamentos necessários nos serviços de tratamento odontológico sob

		anestesia geral para pacientes com necessidades especiais
ZEIDAN et al., 2022	Obter uma compreensão mais precisa e atualizada da prevalência do autismo em todo o mundo, considerando as variações geográficas, demográficas e culturais.	A prevalência global do autismo varia entre regiões, com uma média de 100 casos por 10.000 pessoas. A proporção média entre homens e mulheres é de 4,2, e cerca de 33% dos casos de autismo apresentam deficiência intelectual. Esses resultados indicam que fatores sociodemográficos e conscientização da comunidade afetam as estimativas de prevalência, mas a qualidade dos estudos não pôde ser avaliada devido às limitações metodológicas.
CORRIDORE et al., 2020	Determinar a prevalência de doenças bucais, como cárie e doença periodontal em crianças afetadas pelo TEA, bem como identificar os tipos de tratamento proposto para esse grupo específico de pacientes na área de Odontopediatria	Conclui-se que o Transtorno do Espectro Autista tem um impacto significativo na saúde bucal, com os estudos analisados indicando uma alta incidência de doença periodontal e cárie dentária
PARRY et al., 2021	Descrever a análise realizada para investigar a representação, características, experiência e tratamento da CIA com diagnóstico de TEA atendidos pela DGA em um hospital com o objetivo de melhorar a preparação e o suporte para pacientes diagnosticados com TEA	Avaliação da eficácia do tratamento odontológico realizado sob anestesia geral e análise de fatores que podem influenciar esse tipo de tratamento odontológico em crianças e adultos jovens com TEA, identificação dos desafios específicos enfrentados pelos serviços odontológicos ao fornecer tratamento e discussão do uso de estratégias de manejo comportamental e técnicas adaptadas para melhorar a experiência e o resultado do tratamento odontológico para esses pacientes.
TESTE et al., 2021	Avaliar as dificuldades vistas pelos pais em manter a higiene bucal de crianças autistas e as soluções encontradas para facilitar esse ato diário.	Conclui-se que papel dos pais ou responsáveis continua a ser essencial e os profissionais devem trabalhar em colaboração com eles.
MANSOOR et al., 2018	Comparar os desafios e barreiras enfrentadas aos cuidados bucais entre crianças autistas e crianças com desenvolvimento típico	Crianças com TEA relataram mais dificuldades nos cuidados bucais em comparação com pais de crianças saudáveis. Crianças

		com TEA precisavam mais de ajuda para escovar os dentes. Comportamento não cooperativo foi observado durante as visitas ao dentista, e mais pais de crianças com TEA classificaram a experiência como negativa. Visitas ao dentista para extrações eram mais comuns em crianças autistas.
ERWIN et al., 2022	Coletar informações sobre os elementos que afetam os comportamentos de saúde bucal, acesso aos serviços e fornecimento de cuidados odontológicos para crianças e jovens autistas	A saúde bucal e o acesso a atendimento odontológico por crianças e jovens autistas são influenciados por fatores relacionados ao diagnóstico de autismo, incluindo comunicação, e por sensibilidades sensoriais. Tornando essencial atender às necessidades individuais das crianças e jovens autistas por meio da acomodação, educação e adaptação.
MANGIONE et al., 2019	Pesquisar os desafios específicos enfrentados por pacientes autistas em relação ao cuidado bucal e identificar estratégias comportamentais que possam ser eficazes na melhoria da experiência odontológica desses indivíduos	A diversidade de condições dentro do espectro do autismo dificulta a formulação de diretrizes para o atendimento odontológico. Estabelecer uma parceria mais estreita entre profissionais de psiquiatria e odontologia emerge como um elemento fundamental para aprimorar a qualidade e o êxito do tratamento bucal em ambientes clínicos.
AZIMI et al., 2022	Discutir a importância da identificação precoce de doenças dentárias e cuidados dentários adequados é especialmente importante para crianças vulneráveis, como aquelas com DI/ASD.	O estudo descobriu que crianças com DI/TEA são especialmente propensas a serem hospitalizadas mais de uma vez por problemas dentários. Os autores enfatizaram a importância do acompanhamento preventivo da saúde bucal em ambientes de clínica odontológica comunitária
ALGHAFIS et al., 2023	Fornecer informações relevantes sobre tratamento odontológico de crianças autistas, destacando as diferenças nos procedimentos sob anestesia geral em relação a crianças saudáveis, com o intuito de	Identificação das características específicas do tratamento odontológico em crianças autistas, como a necessidade de adaptação do ambiente, uso de estratégias de comunicação visual, técnicas de manejo

	melhorar o atendimento odontológico dessa população	comportamental adequadas e envolvimento dos cuidadores.
MELLADO et al., 2019	Discutir a aplicação de treinamento comportamental e técnicas de espelhamento como estratégias para preparar pacientes com TEA para a realização de anestesia eletiva visando melhorar a experiência desses pacientes, reduzindo a ansiedade e aumentando a eficácia dos procedimentos anestésicos.	A relevância de adaptar as abordagens de preparação para a anestesia de acordo com as necessidades individuais dos pacientes com TEA, a colaboração multidisciplinar entre os profissionais de saúde, cuidadores e pacientes. Tendo uma comunicação clara, compreensão mútua e o estabelecimento de um ambiente seguro e acolhedor.
CAMPOS et al., 2023	Relatar um caso clínico de um paciente infantil com Transtorno do Espectro Autista (TEA) que sofreu um ferimento e recebeu cuidados odontológicos em um ambiente hospitalar, sob anestesia geral.	O tratamento odontológico sob anestesia geral é indicado quando a comunicação com o paciente é dificultada, seja por problemas psicológicos ou incapacidade, e apresenta resultados satisfatórios. Como em alguns casos de paciente com TEA. Para lidar com o comportamento não colaborativo do paciente, o uso de sedação medicamentosa, sedação consciente com óxido nítrico e anestesia geral são boas opções. E a anestesia geral é uma alternativa que proporciona conforto e segurança no tratamento odontológico.

Indicações da anestesia geral balanceada

A anestesia geral balanceada é um tipo de anestesia utilizada durante procedimentos cirúrgicos. Ela envolve o uso de uma combinação de medicamentos para induzir um estado de inconsciência, alívio da dor, relaxamento muscular e supressão de reflexos durante a cirurgia.

Na anestesia geral balanceada, são administrados diversos medicamentos em doses adequadas para atingir os objetivos desejados.

Geralmente, ela é composta por três componentes principais: anestésico intravenoso: Um medicamento é administrado na veia para induzir o sono e manter o paciente inconsciente durante a cirurgia. Exemplos comuns de anestésicos intravenosos são propofol e etomidato. Analgésicos: Medicamentos analgésicos,

como opioides, são administrados para aliviar a dor durante a cirurgia e no período pós-operatório. Relaxantes musculares: São utilizados relaxantes musculares para promover o relaxamento dos músculos e facilitar a intubação endotraqueal, caso necessário, além de manter a imobilidade durante a cirurgia.

A anestesia geral balanceada é cuidadosamente ajustada pelo anestesiológico de acordo com as necessidades do paciente e a natureza do procedimento cirúrgico. O objetivo é alcançar um equilíbrio entre a sedação, analgesia e relaxamento muscular, proporcionando um ambiente cirúrgico seguro e confortável

A anestesia geral balanceada é uma opção considerada em casos de pacientes autistas com necessidades odontológicas complexas e diversas, devido ao alto nível de ansiedade e baixa colaboração durante o tratamento. Estes pacientes requerem imobilidade e cooperação durante o procedimento, o que pode ser alcançado com a utilização desse tipo de anestesia. Foi identificada uma correlação significativa entre problemas comportamentais e a demanda por tratamento odontológico em ambiente hospitalar (MARINHO et al., 2022).

Estudos têm demonstrado que as técnicas sedativas conscientes nem sempre são eficazes devido aos padrões de respostas atípicos, em tais situações, e a anestesia geral balanceada se mostrou a única solução viável para restabelecer a saúde bucal desses indivíduos (CORRIDORE et al., 2020).

Vale ressaltar que o uso desse tipo de anestesia em pacientes com TEA requer um preparo prévio de dessensibilização, com uma equipe multidisciplinar, visando reduzir o estresse do paciente e garantir uma indução suave da anestesia (MELLADO et al., 2019).

A anestesia geral balanceada deve ser considerada como a última opção quando nenhuma outra alternativa viável e segura é capaz de controlar o comportamento do paciente (MARINHO et al., 2022).

Vantagens da anestesia geral

A anestesia geral balanceada é uma opção que proporciona um ambiente controlado na sala cirúrgica, com monitoramento constante dos sinais vitais e acesso a instalações de cuidados intensivos. Isso garante fatores de segurança, levando em consideração a possibilidade de episódios de emergência médica. Além disso, esse tipo de anestesia oferece conforto e conveniência tanto para o operador quanto para

o paciente, permitindo um gerenciamento previsível e eficiente do procedimento (MARINHO et al., 2022).

Essa modalidade de serviço é reconhecida como importante pois oferece a vantagem de o tratamento ser realizado em uma única visita, resultando em um tratamento odontológico previsível e bem-sucedido (PARRY et al., 2021).

Além de proporcionar um ambiente controlado que permite o cuidado eficiente para pacientes com autismo resultando em melhores condições bucais e qualidade de vida (ALGHAFIS et al., 2023).

Riscos da anestesia geral

A anestesia geral balanceada apresenta riscos, especialmente quando a criança é submetida a tratamentos repetidos (ALGHAFIS et al., 2023). Embora seja considerada um procedimento seguro e rotineiro, podem ocorrer complicações intra e pós-operatórias devido a erros humanos ou fatores relacionados à condição do paciente. Portanto, uma avaliação completa de risco pré-anestésica geral balanceada é crucial. É importante ressaltar que, apesar dos benefícios, esse tipo de anestesia representa um ônus econômico e financeiro para os prestadores de cuidados, requerendo uma infraestrutura hospitalar adequada, equipe especializada de anesthesiologistas e equipe interdisciplinar para garantir segurança e atendimento eficiente (MARINHO et al., 2022).

Antes de considerar a aplicação da anestesia geral balanceada, é fundamental avaliar o estado físico pré-operatório do paciente, utilizando a classificação estabelecida pela Sociedade Americana de Anesthesiologistas (ASA). A anestesia geral balanceada deve ser evitada em pacientes que apresentem sintomas de resfriado, febre, bronquite, crise asmática ou insuficiência cardíaca descompensada no dia do procedimento (SAESP, 2020).

O risco de mortalidade de uma criança saudável submetida a anestesia geral durante uma cirurgia não emergencial é estimado em 1 a cada 100.000. Eventos críticos graves, como problemas respiratórios ou cardíacos, associados à anestesia pediátrica, foram estimados em 5%, em pacientes com autismo foi relatada em 12% a 14% dos casos. Muitas unidades de odontopediatria concordam que não é recomendado que a criança passe por mais de uma anestesia geral balanceada durante o período de dois anos, a fim de evitar riscos graves, complicações e até mesmo mortalidade (PARRY et al., 2021).

O Quadro 01 é constituído pelos artigos que compuseram a amostra final do estudo, ou seja, resultados do estudo sobre principais abordagens no atendimento odontológico a crianças com TEA, por meio de uma revisão da literatura. Após os critérios de inclusão e exclusão para este estudo, foram utilizados 16 artigos publicados na língua portuguesa e inglesa, com os respectivos autores e ano, objetivos e principais resultados.

DISCUSSÃO

O manejo em pacientes autistas apresenta desafios ímpares devido às características próprias desse transtorno (TEA), como dificuldades de comunicação, comportamentos estereotipados e sensibilidades sensoriais (AZIMI et al., 2022; MANSOOR et al., 2018; TASSO et al., 2022). Esse estudo objetivou investigar e fornecer melhores informações sobre as indicações e vantagens da anestesia geral balanceada no manejo odontológico de pacientes autistas, visando proporcionar maior conforto e dignidade a esses pacientes.

Os resultados deste estudo expuseram que a utilização da anestesia geral balanceada foi efetiva no manejo odontológico de pacientes autistas. Observou-se uma redução significativa de quadros de ansiedade e do estresse dos pacientes, uma vez que o mesmo está sedado, o que contribuiu para um ambiente mais tranquilo e maior previsibilidade do tratamento, permitindo que os profissionais possam realizar múltiplos e mais complexos procedimentos em um único atendimento, evitando a necessidade de várias visitas ao dentista, isso é de destaque significativo para pacientes com dificuldades de adaptação a ambientes odontológicos que podem experimentar aflições repetidas em visitas subsequentes (ALGHAFIS et al., 2023; MARINHO et al., 2022; PARRY et al., 2021).

Comparando a anestesia geral balanceada com outras abordagens de manejo odontológico, como a anestesia local ou a sedação consciente, verificou-se que a anestesia geral apresentou vantagens significativas para pacientes autistas pouco colaborativos (MARINHO et al., 2022; PARRY et al., 2021).

A anestesia local pode ser desconfortável e, em alguns casos, pode não ser eficaz o suficiente para garantir um procedimento odontológico satisfatório. Já a sedação consciente pode não ser adequada para pacientes autistas, pois requer uma cooperação parcial, o que pode ser um desafio para aqueles com dificuldades de comunicação e comportamentos estereotipados (CORRIDORE et al., 2020).

As indicações para o uso da anestesia geral balanceada no manejo odontológico de pacientes autistas incluem situações em que a ansiedade é alta, a comunicação é limitada ou a cooperação durante o tratamento é difícil de ser alcançada. Para pacientes autistas com sensibilidades sensoriais intensas, a anestesia geral pode ser especialmente benéfica, pois permite um controle completo da dor e das sensações desconfortáveis durante o procedimento, com menor risco de estresse e traumas futuros (CORRIDORE et al., 2020; MARINHO et al., 2022;

MELLADO et al., 2019; TASSO et al., 2022).

Mellado et al. (2019) ressalta que o uso da anestesia geral balanceada no manejo odontológico de pacientes autistas requer precauções e cuidados específicos e planejamento cuidadoso, além disso reforça a importância de uma equipe multidisciplinar focada no bem-estar do paciente.

Durante o planejamento do tratamento, é essencial considerar a saúde geral do paciente utilizando a classificação ASA, incluindo avaliação prévia de comorbidades, medicações em uso e histórico médico relevante. Além disso, a equipe odontológica deve estar devidamente treinada e capacitada para lidar com as necessidades específicas desses pacientes (SAESP, 2020).

No que diz respeito à segurança, é importante destacar que a anestesia geral balanceada em pacientes autistas apresenta riscos potenciais, assim como em qualquer outra população. Complicações anestésicas, como reações alérgicas, problemas respiratórios e cardiovasculares, podem ocorrer. Portanto, é fundamental que a equipe anestésica esteja preparada para monitorar de perto o paciente durante todo o procedimento, garantindo sua segurança e bem-estar. (ALGHAFIS et al., 2023; MARINHO et al., 2022; PARRY et al., 2021).

O caso clínico relatado por Campos et al. (2023) ilustra um exemplo em que o tratamento odontológico sob anestesia geral balanceada foi indicado em um paciente autista de 10 anos com diagnóstico de TEA desde os três anos de idade. O paciente apresentou trauma nos dentes superiores, com avulsão dentária, e devido à resistência ao tratamento ambulatorial e ao número de procedimentos necessários, a opção pela anestesia geral balanceada em ambiente hospitalar foi realizada. A intervenção envolveu o tratamento endodôntico e cirurgia para endodôntica dos dentes 11 e 12, seguido de enxertia óssea na região apical do dente 12. Esse caso exemplifica como uma abordagem personalizada e adaptada às características individuais do paciente, e a anestesia geral balanceada proporcionou um ambiente adequado para a realização desses procedimentos, considerando as dificuldades específicas do paciente autista.

Embora esse tipo de sedação possa ser uma opção viável, é importante considerar fatores individuais e personalizados em cada caso. Cada paciente apresenta necessidades e características únicas, e a decisão de utilizar a anestesia geral balanceada deve ser cuidadosamente avaliada, levando em conta os benefícios esperados e os riscos potenciais (TASSO et al., 2022).

Azimi et al. (2022) em concordância com Tasso et al. (2022) enfatizaram a importância do acompanhamento preventivo da saúde bucal em ambientes de clínica odontológica comunitária e ressaltaram que a anestesia geral balanceada deve ser utilizada apenas em último caso, quando outras opções de manejo odontológico forem inviáveis ou inadequadas. É essencial buscar alternativas menos invasivas, como a anestesia local ou sedação consciente, antes de considerar a anestesia geral balanceada.

Em suma, a anestesia geral balanceada demonstrou ser uma abordagem eficaz e segura no manejo odontológico de pacientes autistas. Sua utilização pode proporcionar uma experiência mais positiva tanto para o paciente quanto para o cirurgião, reduzindo a ansiedade e o estresse, permitindo a realização de procedimentos mais complexos e melhorando a qualidade de vida geral (ALGHAFIS et al., 2023; MARINHO et al., 2022; PARRY et al., 2021).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A anestesia geral balanceada mostra uma abordagem eficaz e segura no manejo odontológico de pacientes autistas. Os resultados do estudo evidenciaram a redução significativa da ansiedade e do estresse dos pacientes, proporcionando um ambiente mais tranquilo e previsível durante o tratamento. Isso possibilitou a realização de procedimentos múltiplos e mais complexos em um único atendimento, evitando a necessidade de várias visitas ao dentista.

Comparada a outras abordagens, como a anestesia local e a sedação consciente, a anestesia geral balanceada apresentou vantagens significativas para pacientes autistas pouco colaborativos. No entanto, a utilização dessa forma de sedação deve ser considerada como último recurso, em caso de alternativas menos invasivas, como a anestesia local ou a sedação consciente não tenha sido eficazes.

É válido ressaltar que este estudo possui algumas limitações. A amostra utilizada pode não ser representativa de todos os pacientes autistas, pois os critérios de inclusão podem ter excluído certos subgrupos. Portanto, é importante que futuras pesquisas sejam realizadas nessa área, visando a compreensão mais abrangente e aprofundada dos benefícios e limitações da anestesia geral no manejo odontológico de pacientes autistas. Estudos adicionais podem explorar diferentes abordagens de anestesia, protocolos de cuidados pré e pós-operatórios, além de investigar o impacto a longo prazo desses procedimentos no bem-estar e na saúde bucal dos pacientes autistas.

REFERÊNCIAS

AAP. Associação Americana de Psiquiatria. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais** - DSM-5. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2013.

ALGHAFIS, B., et al. Dental Treatment Characteristics of Autistic Children and Differences in Dental Procedures under General Anesthesia Relative to Healthy Counterparts. **Children (Basel)**. v. 26, n. 10, p. 466-478, 2023.

AZIMI, S., et al. Dental procedures in children with or without intellectual disability and autism spectrum disorder in a hospital setting. **Aust Dent J**. v. 67, n. 4, p. 328-339, 2022.

BRASIL, Lei n.12.764, de 27 de dezembro de 2012. **Instituiu a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista**. Diário Oficial da União, Brasília, 2012.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Linha de Cuidado para a Atenção às Pessoas com Transtornos do Espectro do Autismo e suas Famílias na Rede de Atenção Psicossocial do Sistema Único de Saúde**. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2013.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Diretrizes de Atenção à Reabilitação da Pessoa com Transtornos do Espectro do Autismo (TEA)**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2014.

CAMPOS, M. et al. Treatment under general anesthesia after dental trauma in a patient with autism spectrum disorder: a case report. **RGO, Rev Gaúch Odontol**. v. 71, p. 1-7, 2023.

CORRIDORE, D., et al. Prevalence of oral disease and treatment types proposed to children affected by Autistic Spectru Disorder in Pediatric Dentistry: a Systematic Review. **Clin Ter**. v. 171, n. 3, p. 275-282, 2020

DCPDC - Departamento Científico de Pediatria do Desenvolvimento e Comportamento. **Manual de Orientação** - Transtorno do Espectro do Autismo. São Paulo: Editora ABC, 2019.

ERWIN, J. et al. Factors influencing oral health behaviours, access and delivery of dental care for autistic children and adolescents: A mixed-methods systematic review. **Health Expect**. v. 25, n. 4, p. 1269-1318, 2022.

MANGIONE, F. et al. Pacientes autistas: um estudo retrospectivo sobre suas necessidades odontológicas e a abordagem comportamental. **Published online**: Jul, 2019.

MANSOOR, D. et al. Oral health challenges facing Dubai children with autism spectrum disorder at home and in accessing oral health care. **Eur J Paediatr Dent**. v. 19, n. 2, p.127-133, 2018.

MARINHO, M.A. et al. Dental Treatment under General Anesthesia in Patients with

Special Needs Provided by Private and Public Healthcare Services-A Retrospective, Comparative Study. **Healthcare (Basel)**. v. 10, n. 6, p. 1-11, 2022.

MELLADO-CAIRET, P. et al. Behavioral training and mirroring techniques to prepare elective anesthesia in severe autistic spectrum disorder patients: An illustrative case and review. **Paediatr Anaesth**. v. 29, n. 3, p. 226-230, 2019.

MPF - Ministério Público Federal. Secretaria de Direitos Humanos (SDH) e Conselho Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência (CONADE). **Cartilha dos Direitos da Pessoa com Autismo**. Brasília: Ministério Público Federal (MPF), 2015.

PARK, Y. et al. Dental Anxiety in Children With Autism Spectrum Disorder: Understanding Frequency and Associated Variables. **Front Psychiatry**. v. 13, p. 1-7, 2022.

PARRY, J.A. et al. Brief Report: Analysis of Dental Treatment Provided Under General Anaesthesia for Children and Young Adults with Autistic Spectrum Disorder and Identification of Challenges for Dental Services. **J Autism Dev Disord**. v. 51, n. 12, p. 4698-4703, 2021.

SAESP - **Sociedade de Anestesiologia do Estado de São Paulo**. Sistema de classificação de estado físico ASA - Sociedade Americana de Anestesiologistas: Guideline traduzida pela SAESP com autorização da ASA, 2020.

STYLES M., et al. Risk factors, diagnosis, prognosis and treatment of autism. **Front Biosci (Landmark Ed)**. v. 25, n. 9, p. 1682-1717, 2020.

TASSO, M.G., FERRACINE, S.A.; HOSHINO, R.A. Atendimento odontológico e técnicas de manejo para pacientes diagnosticados com transtorno do espectro autista. **Revista Interciência – IMES Catanduva**. v.1, n. 9, 2022.

TESTE, M. et al. Toothbrushing in children with autism spectrum disorders: qualitative analysis of parental difficulties and solutions in France. **Eur Arch Paediatr Dent**. v. 22, n. 6, p. 1049-1056, 2021.

VALLOGINI, G. et al. Conscious Sedation in Dentistry for the Management of Pediatric Patients with Autism: A Narrative Review of the Literature. **Children (Basel)**. v. 24, n. 9, p. 1-10, 2022.

ZEIDAN, J. et al. Global prevalence of autism: A systematic review update. **Autism Res**. v. 15, n. 5, p. 778-790, 2022.

